

Lua Azul

Livro 1

A Marca

Tânia Alexandra



Título Original: Lua Azul – A Marca
Autora: Tânia Alexandra
Copyright © Tânia Alexandra
Copyright © Nova Geração
Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Revisão: Vânia Leite
Edição: Iara Andrade/Tânia Roberto
Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto
Design de Capa: Catarina C. Branco
Imagem de Capa: Freepik
1ª Edição: abril de 2024
Acabamento/Impressão: Gráfica Printalia

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 530115/24

ISBN: 978-940-3739-28-1



Para todos aqueles que acreditam, mesmo quando os obstáculos aparecem





Três anos antes...

-Então, puto, logo à noite celebramos ou amarramos-te?
De sorriso manhoso, Matias caminhou em direção a Rúben, que revirou os olhos, irritado, lançando flechas invisíveis ao amigo, antes de se deixar embater contra a superfície metálica do cacifo.

Assim que Matias o alcançou, Rúben deu-lhe uma chapada na cabeça.

— O que é que foi, pá? Disse alguma mentira? Tenho de saber se arranjo bebidas ou cordas — *gozou Matias.*

— E se fosses para um sítio que eu cá sei.

— Vá lá, puto. Vai ser um marco importante na tua vida. Segundo os especialistas, depois da meia-noite vais ser qualquer coisa... diferente. Vais ser tipo... marcado.

Rúben encheu os pulmões de ar e, antes de o expelir, levou de novo a mão à cabeça do amigo que se encolheu com a força do estalo. Por cima do ombro de Matias, viu a irmã caminhar na direção deles, pegou na mochila e foi ao seu encontro. Matias seguiu atrás dele e num pulo saltou-lhe para cima dos ombros.

— Encomendar bebidas, *check.*

Os sorrisos manhosos e os toques de punho cerrado que trocavam entre si, cessaram quando a irmã de Rúben se juntou a eles.

— Não vamos comemorar. Rúben, estás doido? Sabes muito bem o que acontece à meia-noite — *disse Thiana.*

— Thiana, achas mesmo que acredito nesse circo? Isso são histórias da carochinha para assustar os miúdos. — *Segurou a cara da irmã entre as mãos.*

— Nós vamos comemorar os nossos dezanove da melhor maneira possível.

— Para vocês isso envolve demasiado álcool e sexo. Não faz muito a minha onda. Se for para celebrar, prefiro ir ao cinema.

Matias abriu os lábios num sorriso matreiro, apoiando o braço no ombro do amigo, enquanto fitava o fundo do corredor, e assobiava.

— Eh lá!

Rúben olhou por cima da cabeça da irmã perante o suspiro do amigo, enquanto Thiana virou ligeiramente o corpo para observar.

— Por falar em sexo, puto. A tua princesa... Desculpa. Tua como quem diz, tua e de mais uns quantos. Será que lhe tiras a virgindade hoje? Ela hoje está com um aspeto divinal. Deve ser para o aniversariante. — *Rúben mandou-lhe um calduço.* — Fogo, tens razão. Ela já não deve ser virgem.

Cinco raparigas aproximaram-se, e os sorrisos malandros dos dois rapazes aumentaram. Rúben desviou-se do braço do amigo que ainda estava apoiado no seu ombro, deu um passo e puxou Marisa para si, roubando-lhe um beijo. Entretanto, Thiana revirou os olhos. Não gostava daquela miúda, e sabia que o irmão também não, só continuava com ela para a levar para a cama. Sem querer saber dos olhos que os observavam, Rúben pegou na mão de Marisa e afastou-a do grupo em direção a uma sala vazia. Matias, por sua vez, continuava a sorrir de satisfação.

— Pois é, meninas. É melhor irem dar uma volta. Não se esqueçam, logo à noite, há festa na minha casa. Podem e devem levar mais amigas.

Esfregou as mãos com entusiasmo com um sorriso estampado nos lábios, enquanto observava o grupinho a afastar-se, a mexericar. Assim que as perdeu de vista e rodou os calcanhares, o seu sorriso desapareceu ao ver Thiana de braços cruzados a fitá-lo, com uma expressão de desagrado.

— O que foi, Thi? — *Abraçou-a de forma descontraída.* — Aparece na festa, afinal, também fazes anos.

— Vocês são doidos. Imagina que a lenda é verdadeira, o meu irmão vai receber uma marca em frente a inúmeras pessoas. Segundo o mito, aquilo queima... Além disso, só fazemos anos amanhã, não me parece bem celebrar antecipadamente.

— Errado, princesa. Fazem à meia-noite e como amanhã é sábado, junta-se o útil ao agradável. Vá lá Thiana! Pode ser que arranjes alguém para te fazer companhia. Um namorado, quem sabe? Já não te vejo com ninguém há quase dois anos. Diz-me que pelo menos o último fez bem o serviço, senão por esse andar...

Ela empurrou-o desconfortável com o comentário. — És mesmo parvo! Se não tivéssemos crescido praticamente juntos nem sei o que te fazia.

— Nada! Para além disso, és “quase” minha irmã, tenho de zelar por ti e pelos teus interesses.

— Mas sabes que não somos irmãos, certo Matias? Tu és só o melhor amigo do meu irmão.

Matias levou a mão ao peito, os ombros descaíram e cerrou um pouco os olhos, expressando a sua mágoa.

— Essa doeu Thi, eu a pensar que também era o teu melhor amigo.

— E és, estúpido. Essa é a tua sorte.

Thiana virou-lhe as costas, mas Matias passou-lhe os braços pela cintura e caminharam juntos pelo corredor. Ao passarem em frente a uns rapazes, os sorrisinhos e provocações começaram a surgir.

— Estás a ver. Vais com certeza arranjar uma curte.

Ela estacou e virou-se para ele. — Mas vocês não pensam em mais nada?

— Estamos na idade de não pensar em mais nada — *sorriu matreiro.*

Thiana ouviu de novo bocas. — Achas mesmo que alguma vez me vou envolver com tipos como aqueles?

Matias rodou a cabeça vendo a expressão de cada um, e torceu o nariz. Voltou a atenção para Thiana.

— Thi, com uns copos bem bebidos, faz-se o serviço. E o melhor, no dia seguinte não te lembras de nada. — *Encolheu os ombros.*

Thiana abriu a boca, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta, vencida, virou-lhe simplesmente as costas. Ao vê-la afastar-se, Matias juntou-se aos outros rapazes, de braços abertos, a contar as ideias para a festa de aniversário.



Os corpos moveram-se em sintonia, os lábios de ambos não desgrudavam, Rúben sentou Marisa em cima de uma mesa, e sorriu vitorioso. Tinha perfeita noção de que ela não era inteiramente dele, mas qualquer tipo que tivesse o privilégio de a levar para a cama, era considerado um campeão, e ele não era daqueles que deixavam uma oportunidade dessas escapar. Afastou-se da boca dela e colocou-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, focando-se nos olhos da rapariga que lhe sorriu de volta.

— Adoro os teus olhos — *Marisa sorriu.*

— Sabes o que é que eu adoro? — *Levou a mão por baixo da saia dela.*

— Do que tens aqui em baixo. — *Tocou-lhe no tecido.*

— Esta noite sempre há festa?

— Em casa do Matias. Vais?

— Claro! Vais amar o presente que tenho para ti.

— Não tenho dúvidas.

— Os pais dele não estão em casa?

— Népia. Foram numa conferência qualquer e ele vai estar sozinho nos próximos dias. Por isso, podemos estar à vontade.

Rúben levou a mão direita à nuca dela, com a palma da mão firme a mantê-la junto ao seu corpo, concentrando o olhar nos lábios dela por segundos até os beijar de novo.

O som da campainha soou por toda a sala e o momento foi interrompido pelos suspiros insatisfeitos de ambos, que de mãos dadas saíram da sala. Antes de se dirigirem às respetivas aulas, Rúben apalpou Marisa quando reparou que um dos tipos com quem ela curtia, os estava a observar. Após o

ato territorial, Rúben dirigiu-se para a sua sala de aula, para junto de Matias que envergava um sorriso nos lábios.

— A festa está confirmadíssima. E pelo que vi vais ter uma noite daquelas — *pronunciou-se Matias*.

— Vai ser só mais uma. — *Piscou-lhe o olho*. — Conseguiu convencer a minha irmã?

— Mas julgas que estás a falar com quem? É claro, ela não ia resistir a ficar de olho em nós dois. Principalmente em ti, pá. Não te esqueças, a Thi acha que te vais sentir mal por causa da marcação.

— A minha irmã liga demasiado a essas cenas. Para quem quer seguir engenharia civil, anda a estudar a matéria errada.

— E tu? Já pensaste no que queres fazer?

— Eu não, nem quero pensar. Alguma coisa se há de arranjar depois, e tu?

— Nada! Porque é que eu preciso de fazer alguma coisa se os meus pais fazem por mim? A minha mota basta-me. Alinhas numa corrida no final das aulas? Temos de treinar.

— Epa, quando sair tenho de ir buscar o carro do meu pai à oficina.

— Ele não pode ir?

— Deve ter ido ter com a amante.

— Ainda estás com essa teoria?

Rúben semicerrou os olhos para o amigo. — Eu sei bem o que vi, ninguém me contou.

Matias levantou os braços de forma inocente por breves segundos e entrou calado para a sala. E antes de seguir o amigo, Rúben olhou uma última vez para o corredor, observando Marisa com as amigas. Encaminhou-se depois para o seu lugar, junto a Matias, que enquanto mascava a sua pastilha de forma arrogante, foi espalhando a palavra acerca da festa.

— Meu —, *pousou a mão no ombro de Rúben*. — Logo vai ser uma festarola.

— Por falar nisso, antes que me esqueça, preciso que arranjes maneira de ficar com um quarto vago.

— Estás a brincar?

O tom de voz de Matias fez com que todos se focassem neles. Rúben deu-lhe um murro nas pernas para que se controlasse no mesmo instante em que uma figura feminina parou junto da mesa deles.

— Estou a interromper, cavalheiros?

Ambos negaram com a cabeça, a professora regressou para junto do quadro, continuando com o giz branco a escrevinhar palavras que não lhes interessavam.

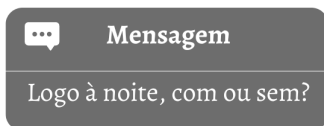
— Meu, fica descansado, vou-te arranjar o melhor quarto da casa para festejares. Queres que te arranje umas embalagens? — *Rúben ergueu a so-brancelha.* — Já percebi, já me calei.

Os dois rabiscavam distraídos os respetivos cadernos. Matias bateu com o cotovelo no braço do amigo para que ele o visse a fazer bolas de papel e cuspo. Passou uma caneta sem carga para o amigo e começaram a atirar as bolas para os cabelos dos colegas.



Rúben estava na última aula do dia, debruçado com o queixo em cima da mochila à espera que as horas passassem, imerso na sua própria cabeça, de tal forma, que não se apercebeu como, mas começou a pensar nas teorias da conspiração sobre a sua família, na lenda que os perseguia. A cor dos seus olhos era um fator que motivava os demais a questionar a razão para mudarem de cor. Os antigos falavam de uma maldição, os mais novos só tinham curiosidade por ser algo diferente, mas se os olhos coincidiam com a lenda, será que era verdade? À meia-noite descobriria, quer fosse verdade ou mentira, e não seria o único; todos os que estivessem naquela festa ficariam a saber de uma vez por todas. A irmã daria cabo dele se acontecesse. Nunca acreditou, mas naquele momento estava de pé atrás com a festa, como se receasse que a lenda pudesse ser verdadeira.

Os seus pensamentos foram interrompidos com o vibrar no seu bolso. Confiante do destinatário da mensagem, retirou o telemóvel e leu:



Um sorriso malicioso preencheu-lhe os lábios ao perceber que a sua intuição estava certa. Respondeu em seguida.



Deu uma cotovelada a Matias, que não perdeu tempo em dar atenção ao amigo. Este virou-lhe o ecrã, mostrando o conteúdo do mesmo. Matias esfregou as mãos e riram-se descarados.

— Os meninos querem sair mais cedo?

— Não era...

Rúben interrompeu o amigo. — Claro que não stor. Estamos entusiasmadíssimos com as... aves.

A risada foi geral, e o professor sentiu a face a arder de irritação e, sem proferir uma única palavra dirigiu um olhar semicerrado aos dois amigos que perceberam a indireta, pegaram nas mochilas e saíram porta fora. Mais uma falta indisciplinar.

À saída da escola, sem chamar a atenção, saltaram o gradeamento por trás da portaria do segurança, e dirigiram-se às suas motos.

— Achas que já chumbamos? — *Matias dirigiu-se a Rúben, que não pareceu preocupado.*

— Não convinha, ainda quero engatar a Marta do décimo segundo depois de comer a Marisa. E se estivermos chumbados não me vão deixar entrar na escola, o que vai lixar os meus planos.

— Só a Marta? — *Piscou-lhe o olho.* — Fogo gostava de as ter nas mãos como tu.

— São os meus lindos olhos, cromo. Queres umas lentes de contacto? Talvez ajude — *ambos se riram.* — Vemo-nos mais logo? — *Matias assentiu.* — Não te esqueças do quarto.

— Considera tratado.

De capacete posto, Rúben colocou a mota a trabalhar, acelerou por segundos e arrancou. Ao aproximar-se do segurança, derrapou de propósito. Matias abanou a cabeça, sorriu e fez o mesmo que o amigo.



Ao chegarem a casa de Matias, Rúben e Thiana encontraram-na api-nhada de pessoal da escola. Entraram, sorriram aos convidados e acabaram por se separar no meio da confusão. Matias falava com os seus colegas quando os seus olhos se depararam com Thiana. Os seus cabelos soltos, castanho-claros, caíam em cachos até aos ombros, reluzindo sob a luz da sala. Trocou umas palavras com os colegas e dirigiu-se a ela. De surpresa, segurou-a pelas pernas e levantou-a no ar. As mãos dela cravaram-se nos seus ombros e forçaram-no a colocá-la no chão dando-lhe um beijo na testa assim que a pousou no chão.

— Assim vestida vais mesmo arranjar um gajo.

— Eu não vim aqui para arranjar ninguém, parvo. Vou ter com as miúdas.

Matias assentiu e viu-a a distanciar-se, rodou os calcanhares e seguiu à procura do amigo que avistou à conversa com outros rapazes. Com a mão direita, bateu-lhe nas costas, fazendo o som ecoar pelo ar. Rúben deu-lhe uma estalada em resposta.

— Meu, tens tudo preparado?

Matias assentiu e fez-lhe sinal para que este o seguisse. Afastados da multidão, subiram os degraus da velha escadaria de madeira em direção ao sótão. O corredor que os acolhia era curto e o soalho estava gasto. À frente deles, o velho alçapão de madeira negra abriu com um puxão de Matias. Uns degraus em madeira já envelhecida surgiram até ao chão, e os dois subiram até outro corredor. Do lado esquerdo, uma porta de madeira antiga estava aberta. Encostado à soleira, Rúben deixou os lábios desenharem um sorriso traçoeiro ao verificar o colchão azul desgastado sobre a tijoleira branca. Ao fundo uma secretária continha velas aromáticas prontas a serem acesas.

— Aqui estão à vontade. Além de nós e da Thiana, mais ninguém conhece isto.

— E tu? Já pescaste alguma?

— Ainda não, mas a noite ainda agora começou e como deves calcular também tenho o meu *spot*.

— O anexo, claro.

Matias elevou a cerveja em resposta, como que num brinde. Abandonaram o quarto improvisado e voltaram para a festa. Entre uma cerveja e outra, Rúben namoriscava com outras miúdas quando colocou os olhos em Marisa. A miúda transbordava fogo. Era impossível não reparar nos olhares dos

outros rapazes na sua saia preta, que mal lhe tapava as coxas. A camisola transparente com um pouco de renda deixava o sutiã preto sobressair, acentuando a sua sensualidade. De ego inchado, Rúben passou em frente aos outros rapazes, segurou-a pela cintura e colou o seu corpo ao dela, e sem perder tempo chocou os seus lábios com os de Marisa. Separando-se dela, Rúben sussurrou-lhe ao ouvido.

— O que querias dizer com aquela mensagem?

Marisa respondeu entre beijos.

— Depois da meia-noite...

Estupefacto, Rúben observava-a a afastar-se. Levou a garrafa aos lábios e sentiu o líquido gelado a passar-lhe na garganta e, ao virar a cabeça, viu que muitos dos colegas já estavam alterados, incluindo Matias. Sorriu perante tal cenário e, instintivamente, focou a sua atenção no céu, onde a Lua se escondia por entre as nuvens que pintavam o azul-escuro.

— Estás a pensar que pode ser verdade? — *Rúben olhou por cima do ombro para observar a expressão franzida da irmã e voltou a concentrar-se na lua.* — Sabes que se for verdade, para a semana que vem é Lua Cheia.

— Thiana, tens de deixar essa loucura. Eu não vou mudar, não há nada para mudar. Isso é só uma estúpida lenda. Talvez inventada por algum otário que não gostava da nossa família.

Ela puxou-o pelo braço e arrastou-o para o jardim, para longe de olhares intrometidos.

— E como explicas os teus olhos? É muita coincidência eles mudarem de cor, tal como fala a lenda.

— É mera coincidência. Não existe nada de místico nisso, tenho uns olhos bonitos, só isso!

Rúben observava meia dúzia de rapazes a olharem na direção deles, colocou as mãos em cima dos ombros da irmã e virou-a, baixando a cabeça para lhe sussurrar ao ouvido:

— Vai-te divertir! Bolas, vamos fazer anos... — *Consultou o relógio.* — Daqui a dez minutos. — *Virou-a para ele.* — E quero reclamar a minha prenda e ter uma noite agradável.

— E beber mais do que já bebeste?

— Não te preocupes maninha. — *Olhou pela janela.* — Vai ter com o Matias. Esse é que tem de ter cuidado com a bebida senão não engata nenhuma.

Ela passeou com o olhar entre o irmão, Matias e os rapazes, que continuavam especados a olhar para eles.

— Tens razão, vou divertir-me. Não podes ser só tu a fazer a festa.

— É isso mesmo, maninha!

Rúben começou a afastar-se, mas sente a mão da irmã no seu braço, fazendo-o recuar.

— Rúben, se sentires o braço a queimar vem logo ter comigo, por favor. Não deixes a tua vontade de estar com a Marisa causar danos.

— Não te preocupes, não vai acontecer nada. Quer dizer... nada que não queira que aconteça. — *Piscou-lhe o olho.*

Thiana observou o irmão a desaparecer entre a multidão, inspirou o ar gélido que a rodeava e encheu os pulmões, ao expirar, tomou a decisão de se juntar a Matias, acompanhado por outras raparigas, entre sorrisinhos e álcool, até à hora do seu aniversário. À meia-noite, Thiana entrou nos dezanove anos e, apesar de querer procurar o irmão, lembrou-se dos planos dele e decidiu não o atormentar. Voltou a pegar na garrafa de cerveja e ingeriu mais um gole enquanto observava Matias a tentar a sua sorte entre as miúdas. Outra cerveja abriu o caminho para mais outra, e a adrenalina invadiu-lhe o corpo. Thiana puxou Matias e levou-o a dançar consigo no exterior, envolvidos na chuva que lhes cobria o corpo. Ele não se importou. Tocado pelo líquido ingerido, puxou-a para si, segurando-a pela cintura, enquanto se movia em círculos provocantes. Os braços de Thiana prenderam-se atrás do seu pescoço e, levada pelo momento, beijou-o. Um beijo que aumentou de intensidade quando sentiu as mãos dele no fundo das suas costas. Matias afastou-se para recuperar o ar e ela vislumbrou um sorriso matreiro.

— O que foi isto?

— Com a bebida, aposto que amanhã não nos lembramos de nada — *contrapôs ela.*

Matias procurou a mão dela e encaminhou-a para o anexo, junto da porta elevou a mão para a abrir, mas é travado pelas palavras dela.

— Onde vamos?

— Se é para não nos lembrarmos, mais vale fazer tudo. O que achas? Queres esse presente de aniversário, Thi?

Ela sorriu atraentemente, Matias segurou-lhe o braço e puxou-a para dentro do pequeno quarto. Envolveu os braços na cintura dela, deu um passo a cambalear pelo excesso do álcool e caíram em cima do colchão. De joelhos, Matias puxou lentamente a manta para trás, rodou o corpo e deixou-se cair sobre o tecido macio enquanto olhava para ela. Por sua vez, Thiana permaneceu de joelhos e ergueu uma sobrancelha, meio que desconfiada.

— Vá, anda!

— Estás bêbado demais, aposto que não vai dar em nada.

Ele levantou-se, colocou-se de joelhos, e beijou-a. — Apostas mal.

Matias pousou a mão na cintura dela, rodou-a sobre si e deitou-a no colchão. Afastou-se o suficiente para despir a própria camisola, mas sem sucesso. O peso da água que permanecia no tecido não a deixou passar pela cabeça, o que fez Thiana levar a mão à boca numa tentativa falhada de conter os sorrisinhos.

— Não gozes pá. Despe a tua se conseguires, que eu trato das calças.

Deitada sobre a cama improvisada onde Matias devia passar algumas noites, ela ergueu a cintura ao sentir os dedos dele de volta dos botões das suas calças. Thiana levantou um pouco o corpo, despiu a camisola e apoiou os cotovelos no colchão para o observar. Expectante e, vendo que ele não conseguia abrir o fecho, ajudou-o, e foi quando as mãos de ambos se tocaram que ele notou a tremura nos dedos dela.

— Estás bem, miúda? — *Ela confirmou.* — Relaxa, é só uma foda. — *Piscou-lhe o olho.*

— Matias... espera. — *Ele olhou-a quase sem conseguir manter as pestanas abertas.* — Preciso de beber outra para conseguir.

Ele assentiu e num salto foi ao frigorífico, retirou duas cervejas e voltou para junto dela. Quando lhe passou uma garrafa, observou-a a balançar sob os dedos de Thiana enquanto a levava à boca. Quando terminou, rastejou para cima dela e tomou-lhe a boca com tesão. Deitou-a e desceu com as mãos às calças dela, segurou o tecido das cuecas e desceu ambas as peças até as soltar das pernas. Thiana sentiu o coração a sair-lhe do peito, a contração na garganta fê-la engolir em seco e, quando o vê a colocar o preservativo, sentiu o ar a ser cortado, mas foi quando ele colocou o membro na sua entrada e se deixou cair sobre ela que Thiana sentiu o coração a bombear por partes do corpo que não sabia existir.

— Au... au... para... Matias... para.

Ele afastou-se um pouco. — Estou a magoar-te? — *perguntou admirado.*

— Notei que estavas apertada, mas não imaginava...

— Não imagines, não há nada para imaginar. É só que nos podem ouvir.

— Relaxa, ninguém nos vai ouvir, podes gritar à vontade. Deve haver por aí mais pessoas a fazer o mesmo.

— E não te incomoda que usem a tua casa?

— Incomodava era se não aproveitassem. Como é? Assim começa a ser difícil ficar duro.

— Continua...

Matias levou uma mão à cintura dela para a manter perto de si, enquanto a outra se apoiava no colchão. Levantou o corpo o suficiente para saborear o movimento. A cada estocada forte, Thiana perdia-se nos gemidos que

dançavam nos seus lábios, cravando as unhas no ombro dele, enquanto a outra mão apertava o lençol. O barulho da chuva começava a ser audível e, naquele momento, Thiana tentou pensar se no dia seguinte algum dos dois se lembraria, ou se seria possível esquecer. Mas os pensamentos foram interrompidos com o som de alguém a bater na porta. Para seu desespero, ele aumentou o ritmo, propositadamente. O seu coração quase falhou quando gargalhadas e passos entoaram lá fora. Colocou a mão no peito de Matias e encarou-o e, para seu espanto, ele devolveu-lhe o olhar com um sorriso.

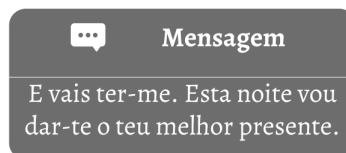
— Trancada. Relaxa e aproveita...



Marisa não desgrudava das amigas, por sua vez, Rúben batia impacientemente os dedos no vidro da garrafa e, em simultâneo, com o pé sobre o azulejo castanho. A meia-noite já tinha batido e não havia meio de ela ir ter com ele. Observou, enquanto esperava, o braço e ficou aliviado por a lenda ser falsa. Era um adolescente normal com as hormonas soltas, pronto a fazer tudo o que lhe apetecesse, nada de anormal em si. Abanava o pé cada vez mais rápido, retirou o telemóvel do bolso e enviou uma mensagem a Marisa.



Marisa olhou por cima do ombro na direção dele, levou o dedo indicador ao seu campo de visão e fez-lhe sinal para ele se aproximar. Assim que ele encurtou a distância, ela inclinou o corpo o suficiente para ele ver que não vestia cuecas. Observou-a enquanto ela endireitava a postura e pegava no telemóvel, ouvindo o seu a apitar logo de seguida.



Rúben sorriu e voltou a guardar o telemóvel, bebeu o líquido que ainda permanecia no fundo da garrafa, e voltou a encostar-se na ombreira da porta. Pouco tempo depois, sentiu uma pele quente a passar os dedos nos dele.

— Agora!

Ele aceitou a mão dela e encaminhou-a para o sótão. Ao atravessarem o corredor mais curto chegaram ao quarto improvisado e, antes de permitir

que ela entrasse, fez-lhe sinal com a mão para esperar e desapareceu atrás da porta. Segundos depois voltou, dando-lhe passagem, e observou o sorriso que lhe iluminava a expressão ao ver as velas acesas em redor do colchão.

— Já tinhas tudo preparado.

— Não me digas que não estamos com a mesma ideia.

Ela não proferiu nenhuma palavra, limitou-se a reclamar os lábios dele nos seus, enquanto lhe despiu o blusão. Rúben afastou-se, despiu a camisola, ao mesmo tempo que ela desabotoava a camisa. Ele envolveu as mãos na cintura dela e deitou-a sobre o colchão. Ajoelhado, abriu o botão e o fecho das calças, descendo o suficiente para permitir que o seu membro saísse. Marisa mordeu o lábio ao vê-lo afagar o membro e chamou-o com o indicador, ele levantou-lhe a saia, colocou-se entre as pernas dela e empurrou-a para trás. Sob o olhar atento dela, Rúben colocou o preservativo, segurou-lhe a anca com firmeza e levou o membro à sua entrada.

— Achas que aguentas Marisa? — *Pressionou e ela gemeu.*

— Força... aniversariante. Faz-me gritar.

Sem mais palavras nem meiguice, ele entrou até ao fundo, fazendo o corpo dela levantar à medida que a penetrava. O som dos corpos a bater criava uma sintonia perfeita com a música que se espalhava pelas colunas da casa. Ela movia o corpo de encontro ao dele, Rúben permitiu-se deitar sobre ela penetrando ainda mais fundo, as mãos dela nas suas costas mantinham-no perto, e os movimentos tornaram-se mais rápido.

— Merda!

Parou os movimentos e, sob o olhar de Marisa, levou a mão à cabeça e depois ao seu campo de visão, vendo o líquido vermelho sobre os dedos. Ela riu-se.

— Qual é a piada, pá?

— Limpa a cabeça que eu fico à espera.

Ao sair de cima dela fê-la gemer, apanhou a camisola e limpou a testa. Procurou algo onde pudesse ver o seu reflexo e deparou-se com um espelho rachado envolto numa moldura de ferro desgastado. Ao confirmar que era um pequeno corte, foi até ao móvel onde batera e empurrou-o para longe.

— Agora vamos até ao fim. A mobília não me vai impedir de te comer.

De novo em cima dela, prendeu os seus lábios aos dela, levou o seu membro para dentro dela e penetrou com força, aumentando os movimentos logo em seguida. A adrenalina que lhe invadia o corpo com a sensação de vitória por estar a comer aquela miúda era inexplicável, os gritos dela pediam mais, e era isso que iria fazer, levá-la ao limite. Ela iria rastejar por ele depois daquela noite e não ao contrário.



Thiana não conseguia controlar os sons que lhe saíam pelos lábios, altos e chamativos. O seu corpo levantava-se de encontro a Matias para o sentir mais fundo. Através da janela embaciada, notava que estavam rapazes a tentarem espreitar para o interior. Agradeceu a pouca visibilidade que não permitia a nenhum deles reconhecê-la ou a Matias. Mais uma vez, a maçaneta rodou e o seu coração falhou duas batidas, tentou controlar um gemido, mas a investida de Matias fez com que gritasse a plenos pulmões. Uma trovoadasucumbiu ali perto, contrastando com o batimento do coração de ambos. Matias afastou-se um pouco para observar o rosto húmido dela, a expressão de prazer que o estava a atordoar.

— Fogo, Thiana, como é que ainda estás tão apertada? Deixas-me maluco.

Ela viu-o a sair de dentro dela e soltou um gemido que fê-lo sorrir triunfante. Despiu o resto da roupa sob o olhar atento dela e, de joelhos, observava-a.

— Isto vai ser uma exceção, mas... quero-te toda nua.

Thiana tentava controlar a respiração enquanto se tentava despir, mas a roupa molhada e suada não queria cooperar com a missão, o que fez ambos desatarem às gargalhadas. Assim que a teve nua debaixo de si, Matias beijou-a com intensidade.

— Só uma queca é pouco...

Thiana fechou os olhos e deixou Matias entrar nela de novo com estocadas fortes. O seu coração parecia bater fora do peito em sintonia com os trovões que rebentavam do lado de fora. O que aconteceria depois?

— Matias... a festa... as pessoas...

— Que se lixem... — *Olhou-a nos olhos.* — Relaxa, não tens de te preocupar. Só tens de estar como estás e deixar-me fazer-te gritar o meu nome. Aposto que o teu irmão está a fazer o mesmo.

— Queres comparar?

Matias sorriu e deitou-se de novo sobre ela, unhas cravaram-se nas costas dele, enquanto ele lhe pegava no seio com firmeza, implacável, e sussurrava-lhe ao ouvido.

— Ainda bem... que amanhã não me vou lembrar...

— Está a ser assim tão mau?

— Melhor... curte ... de sempre.

Os corpos batiam um no outro com um desejo que não imaginavam ser possível. O som dele a deslizar dentro dela fê-la sentir no paraíso. Cravou de novo as unhas nas costas dele, as pernas em volta da cintura e deixou sair o grito que lhe estava preso nos lábios. Ainda ofegante, Matias saiu de cima

dela e, de barriga para cima, adormeceu que nem um touro cansado ao seu lado. Enrolada no lençol, Thiana sentou-se e puxou o cabelo para trás. Com a respiração mais controlada saiu do colchão e levou a mão à cabeça, a boca meia aberta ao ver o lençol. Procurou a roupa para se vestir, vasculhou o anexo inteiro com as mãos na cabeça. Ao fechar uma gaveta rápido demais, ouvi-o a sussurrar. De mão no peito, susteve a respiração assustada. Quando ele voltou a roncar, suspirou aliviada e deu mais uma volta pelas gavetas até encontrar um saco. Entretanto, puxou o lençol com alguma força, fazendo o corpo de Matias rebolar no colchão e esperou dois segundos para garantir que ele ainda dormia. Segura, pegou no lençol e colocou-o no saco, abandonando de seguida o anexo.



Enquanto caminhavam pelas ruas da vila, sentiam na sola das sapatilhas as pedras prostradas no chão. Em direção à mercearia, Rúben reparava na irmã, calada, a caminhar enquanto balançava o corpo com cada passo que dava, nunca se pronunciando sobre a festa, ou a lenda.

Ponderou se lhe devia perguntar como tinha corrido a entrada nos dezanove anos, mas a ausência das palavras dela fez com que se mantivesse igualmente calado. Já avistavam a entrada da mercearia quando ouviram o apito de uma mota. Rúben sorriu e esperou pelo amigo, mas para seu espanto, a irmã continuou o seu caminho. Não fez caso dos dois, e isso sim, era algo fora do normal, principalmente quando se tratava de Matias. Rúben voltou a concentrar a sua atenção no amigo, esperando que ele estacionasse a mota e tirasse o capacete.

— Então, comeste-a? — *perguntou Matias.*

— *Ya!* E tu, comeste alguma?

Thiana estacou e virou-se diretamente para Matias que sentia uma secura na garganta, um nó que teimava em não descer ao engolir.

— Não faço ideia. Estava demasiado bêbado. — *Ambos sorriram.* — A marca?

— Nada! Eu disse que era uma parvoíce.

Matias assentiu. — Thiana posso falar contigo? — *Ela mirou-o.* — A sós?

Alguma coisa estava mesmo errada. Não existiam segredos entre Matias e Rúben, muito menos um que envolvesse Thiana. Rúben olhou para um e depois para o outro de sobrelance erguida. Será que se passara algo na festa?

— *Ok,* não sei o que se passa, mas vou deixar-vos. — *Virou-se para a irmã.*

— Passa aí a lista de compras, vou despachar isto que tenho mais que fazer.

Vendo que a irmã mal se mexeu, ele pegou no papel com brusquidão e dirigiu-se à mercearia. Ao ver que Thiana permanecia no mesmo lugar com as mãos enfiadas nos bolsos, Matias caminhou até ela.

Já na mercearia, Rúben percorreu os corredores. Atirou, sem ver o que estava escrito na lista, para dentro do cesto alguns itens e ciente de que não precisava de mais nada dirigiu-se para o balcão de madeira que lhe dava pela cintura. Colocou as compras em cima do papel rasgado e encarou João, que estava com um sorriso malicioso de orelha a orelha. Rúben observava-o a fazer a conta numa folha de manteiga e não aguentou mais.

— Vais tirar esse sorriso parvo ou não?

— Pronto, peço desculpa se ofendi a donzela.

Rúben fulminou-o com o olhar. — O que queres perguntar?

João apoiou as mãos no balcão e continuou a sorrir.

— Epa, fico contente por ontem não teres sido amarrado, só isso.

— Vocês e as vossas parvoíces. Ao menos gostaste da festa?

— Foi porreira. Sabes que já levaste uns cornos?

— Eu e ela não namoramos. Ela que faça o que quiser que eu faço o mesmo.

— É por isso que tens a cabeça rachada, partiste algum corno, foi? — *Rúben leva as mãos aos colarinhos de João e, mesmo assim, ele não deixa de sorrir.* — Tens a certeza de que não te apareceu a marca? É que estás mais agitado do que o costume.

Rúben olhou por cima do balcão e constatou que João não tinha os pés no chão. A marca não apareceu, isso era evidente, mas não podia negar a vontade de agredir aquele caramelo. Algo dentro dele implorava para sair. Largou o rapaz e puxou a manga da camisola para cima.

— Estás a ver, puto. Nada! Histórias da carochinha. Agora despacha isso se não queres que essa camisa fique amolgada.

João encolheu os ombros. — Como eu disse, estás mais agreste.

— É da Lua Cheia.

Uma voz doce e ternurenta apareceu entre as estantes, já a arrastar os pés, mas com um olhar cheio de vida a pulsar num sorriso meigo.

— Dona Joana, como tem passado? — *Rúben abraçou-a.*

— Bem, meu querido, muito bem. Os meus parabéns!

— Muito obrigado!

A senhora continuou a arrastar os pés ao dirigir-se para trás do balcão, abanou a mão para o neto se afastar e ela própria fez as contas. Enquanto somava sentiu o olhar de Rúben nela.

— Nem tudo o que o povo diz é verdade, não é, meu filho?

— Concorro plenamente. Eu sabia que era tudo uma mentira, mas fico aliviado por confirmar. — *Dona Joana estudou-o.* — Porque estava a dizer que era da Lua Cheia?

Dona Joana levou o indicador à armação preta e puxou os óculos até à ponta do nariz, olhando-o intensamente, o que o fez engolir o nó que nascia na garganta. Depois endireitou os óculos e virou-se para o neto.

— Tens material para arrumar, meu querido.

João revirou os olhos e, desta vez, era Rúben que abria um sorriso de orelha a orelha ao vê-lo desaparecer por detrás das estantes. Sem esperar, sentiu a mão da senhora com a pele engelhada em cima da sua e um arrepio frio alcançou-lhe a nuca.

— Meu querido, expressei-me mal. A idade já pesa.

— Ora essa, Dona Joana, você está muito melhor do que mulheres mais novas.

— Não percas essa tua amabilidade no processo. Meu querido Rúben, eu mudei-te as fraldas e à tua irmã. Sabes que podes sempre vir para a minha casa quando for preciso. — *Esperou pela reação dele, mas nada.* — Como estava a dizer, expressei-me mal. As pessoas não sabem é a informação correta para espalhar, nunca souberam e nunca saberão. — *Fez-lhe uma festa na cara.* — Meu filho, não é mentira. Só não sabem a idade correta e nem sabem o que realmente acontece. Tu estás diferente desde a meia-noite, não estás? — *Rúben engoliu em seco.* — A tua sede vai crescer até à idade devida, o teu desejo de destruição está só agora a começar. E nunca será só no ápice da Lua Cheia, será na semana toda em que a Lua brilhar. Por isso, meu querido, toma atenção.

Rúben ouviu a Dona Joana como se ela contasse uma história tirada de um filme e o estivesse a ver através do olhar de outra pessoa, enquanto era consumido pela incerteza do seu futuro.



— Não dizes nada?

— O que queres que diga?

Matias rodou a cabeça em todas as direções para garantir que ninguém ouvia a conversa.

— O que se passou entre nós — *sussurrou.*

— Não sei do que estás a falar, Matias.

— Estás a brincar, certo? — *grita. Ao se aperceber de que estava a dar espetáculo, baixou a voz.* — Nós comemo-nos ontem, Thiana. Como é que vou olhar para o Rúben sabendo que comi a irmã dele? A miúda que sempre vi como... minha própria irmã?

— Era suposto não te lembrares de nada, visto que estavas bêbedo.

— É essa a tua desculpa? Thiana eu não te curto dessa maneira.

— Nem eu a ti. Estamos quites. Foi uma vez e não vai voltar a acontecer.

— Nisso estamos de acordo.

— Agora vê se fazes como disseste Matias, e esqueces o que se passou. Afinal, depois de uns copos a mais, o serviço faz-se e supostamente não nos lembramos de nada — *respondeu irónica.*

Matias abriu a boca, mas não deixou as palavras saírem, o olhar intenso dela não era muito convidativo.

— Thiana, responde só uma cena. — *Ela ergueu a sobrancelha.* — Por que raio havia sangue no lençol? — *Thiana engoliu em seco.* — Tu já não eras virgem, pois não?

— Não, não era. Foi um corte que fiz na perna, por isso levei o outro lençol para lavar, depois devolvo-te.

— Ufa, que alívio. Pensei que a noite de ontem ainda tinha sido pior do que imaginei. — *Thiana virou-lhe costas.* — Espera! Eu não estava a referir-me à nossa foda. Não me posso queixar nesse aspeto. — *Thiana fitou-o.* — Estava a dar cabo de mim só de imaginar que além de te comer, ainda te tinha tirado os trê. Epa, isso ainda era mais lixado. — *Viu Rúben na direção deles.* — Thi, isto não pode sair daqui. Por favor!

Thiana acompanhou o olhar dele e observou o irmão na direção deles, voltou a encarar Matias e, antes de caminhar para junto do irmão, soltou o braço que Matias agarrava e encarou-o.

— Fica descansado.

Matias esperou que ela chegasse ao pé do irmão para soltar o ar que prendia nos pulmões, alongou o pescoço e, em passos lentos, foi ao encontro deles. Junto do amigo bateu-lhe no ombro.

— Então, vamos treinar?

Rúben passou o olhar de um e depois para outro, encarou a sombra da Lua que se começava a desenhar nas paredes das casas e voltou a atenção para ambos.

— Então, mano? O que se passa?

— A lenda é verdadeira. Eu estou mais agreste, notei ontem. É como se uma onda me estivesse a percorrer o corpo.

— Porque é que não me disseste nada? Pensei que não acreditavas na “lenda”!

— Porque tu és demasiado paranoica — *esperou.* — Só que a tua paranoia tem fundo de verdade. Supostamente a mudança começa aos dezanove. A marca aparece mais tarde, segundo a Dona Joana, e a transformação consequentemente. E estou a sentir-me mesmo estranho. Por isso, algo deve ser verdade no meio desta loucura toda.

— De repente acreditas em tudo, hum? Quando fui eu a falar sobre isso, não me deste ouvidos.

— Thiana por favor, não tinhas os mesmos argumentos que a Dona Joana. Além disso, ela já viu isto a acontecer antes...

— A marca. Vai aparecer quando, mano?

Rúben engoliu o nó que se formava na garganta perante os olhos arregalados da irmã, sentiu a vontade de esmurrar algo, a raiva fervilhava dentro de si. Matias pousou a mão no ombro dele e apertou-o. Rúben encarou-os de novo.

— Aos vinte e três.

4

Presente



Deitado de costas na pilha de colchões expostos no chão, Rúben colocou um saco de gelo sobre a mão. De olhos fechados, tentava acalmar a mente, de alguma forma aquele sofá improvisado na sua garagem dava-lhe conforto. As dores da noite anterior continuavam a martelar-lhe o corpo. Sem estar à espera, sentiu um líquido a bater-lhe na cara e levantou-se sobressaltado.

— Que raio?

— Bom dia, *sunshine*!

Rúben encarou a irmã que estava de pé a devolver-lhe o olhar com um sorriso nos lábios. Era impressionante como parecia que nada corria mal à irmã. Exausto, levou a mão ao estômago, fazendo uma careta.

— Toma.

Thiana já esperava encontrá-lo naquele estado. Preparada, passou-lhe uma caixa branca de comprimidos para a mão, da qual ele pegou e tirou dois e tomou-os em seco, sem pestanejar.

— Não devias estar num estágio ou assim, sei lá aonde? — *perguntou Rúben.*

— Já terminei. Voltei para casa para comemorar os meus anos com o meu irmão. E voltar à universidade, evidentemente. — *Sentou-se.* — A propósito, vais lá a casa?

— Não! — *Thiana fitou-o.* — Não vou lá fazer nada além de ouvir o pai a resmungar. E muito menos me apetece ver a namoradinha dele.

— Eu percebo, mano. Para mim também é difícil ver outra pessoa no lugar da mãe, mas o pai fez bem em seguir com a vida dele. Como queres fazer hoje? — *Rúben olhou-a por cima do ombro.* — Refiro-me à tua marca, não te faças de desentendido. A tua raiva tem aumentado?

— Nem imaginas o quanto...

— Se for verdade, vais ter de parar com essas lutas parvas em que te metes.

— Achas fácil, é? — *Levantou-se.* — Como raio vou conseguir controlar o que sinto a queimar cá dentro?

— Rúben, se a lenda for verdade não podes ter contacto com sangue.

— Na Lua Cheia, maninha. A verdade é que nós não sabemos porra nenhuma do que vai mesmo acontecer. Estou farto de sofrer por antecipação!

Thiana abraçou o irmão que demorou a retribuir, mas que cedeu passado um momento.

— Tens razão. A partir desta noite vamos descobrir. E eu vou estar ao teu lado, maninho.

A noite chegou mais depressa do que imaginava, ou a sensação de medo estava a ser tão grande que assim pareceu. Fez a vontade à irmã, foi a casa ver o pai, jantaram como se fossem uma família feliz. Assim que deu por terminado aquele convívio forçado, Rúben dirigiu-se ao bar, onde bebeu umas cervejas com alguns *ex-colegas*. Ao constatar que a hora da verdade se aproximava, despediu-se dos colegas e dirigiu-se a casa. Pelo caminho recebeu uma mensagem de Matias a confirmar que já estava à sua espera.

Em casa, Rúben despiu o blusão e atirou-o contra a parede. Irritado por ter de esperar pela confirmação de uma lenda, teve de faltar a uma das lutas programadas, ainda que fossem apostas ilegais, não contava falhar e isso deixava-o chateado. Descontraído, Matias abriu o frigorífico e pegou em duas cervejas, passando uma ao amigo. Rúben levou a garrafa aos lábios e deixou o líquido passar-lhe na garganta até a despejar de uma vezada só.

— Essa nem aqueceu pelos vistos. Queres outra?

Só se apercebeu da velocidade em que ingerira a bebida após a pergunta do amigo. Se a cerveja estava gelada, não notou. Rúben assentiu e Matias num gesto rápido tirou outra cerveja do frigorífico, passou-a ao amigo e sentou-se na bancada.

— A Thiana vem?

— Achas que ela perdia isto?

— Acho que não. Como é que ela está?

— O que é que te interessa?

Matias revirou os olhos e bebeu outro gole, assim que ouviu o som da campainha levantou o dedo indicador.

— Salvo pela campainha.

Num salto, Matias abriu a porta e deu espaço para Thiana entrar. Ela cumprimentou-o com dois beijos na face e foi ter com o irmão.

— Então e as cordas? — *troçou Matias.*

Thiana fitou-o, revirando os olhos em irritação. — Mas que idade tens, Matias? Já era hora de cresceres, não achas?

Rúben soltou uma gargalhada audível enquanto pegava num filme. Acomodaram-se os três no sofá com um balde de pipocas. Thiana bebericava o seu chá de tília, enquanto os rapazes bebiam cerveja, o facto de ela não o fazer levou Matias a gargalhar.

— Andas a beber muita água, vejo.

Sem lhe dar resposta, Thi encarou o irmão.

— Vou ter uma aluna nova na minha turma.

— Não estavas em estágio? — *perguntou Matias.*

— Estava, acabou e regressei para a universidade. Ou seja, voltei para fazer companhia ao meu maninho. Bem na altura certa. E tu, já te lembraste que precisas de trabalhar para seres alguém?

— Thi, eu tenho guito, não preciso de trabalhar. — *Fez um brinde.* — Além disso vou ganhando algum com as corridas — *Matias sorriu.*

Ela revirou os olhos e apoiou a cabeça no ombro do irmão que continuava calado sem despregar os olhos da televisão. O tempo passou até que o telemóvel dela começou a tocar. Thiana tirou-o do bolso, desligou-o e concentrou-se no irmão.

— Faltam cinco minutos.

— A sério que puseste o telemóvel a despertar?

— Prefiro estar preparada e não relaxada ao contrário de outras pessoas, não é Matias?!

Matias abriu os lábios para lhe dar resposta, mas fechou-os de imediato ao ver Rúben levantar-se na direção das portas de vidro. Estavam em febreiro, o frio continuava a dar o ar da sua graça. A chuva, essa, estava cada vez menos regular. Estava a momentos de saber se a sua vida mudaria ou se a Dona Joana já não estaria tão lúcida quanto pensava. Não falara mais do assunto com ela, na expectativa de se mostrar forte, como se fosse realmente uma lenda, mas percebia nos olhos da senhora que ela conseguia ver o seu receio no olhar.

A irmã consultou o telemóvel no momento certo. Tanto ela como Matias encaravam Rúben, impávido. Ele voltou-se para ambos a querer abrir a boca, mas não conseguiu. Os olhos vidraram no vazio, da testa escorriam pequenas gotas de suor. Thiana abriu a boca, mas as palavras foram cortadas com o som do irmão a cair de joelhos no chão frio, agarrado ao braço. As veias dos braços pulsavam, podiam jurar que a pele toldava uma cor alaranjada, como se de pequenas chamas se tratassem. Matias deu um toque no ombro de Thiana para que ela reagisse e os dois correram para junto de Rúben. Um de cada lado tentaram levantá-lo. Não sabiam se era paranoia, mas o peso de Rúben parecia ter aumentado consideravelmente.

— Porra, esta merda é real! Esta maldita marca queima!

As lágrimas de Rúben percorriam-lhe a pele. A irmã sentia o ardor das suas próprias lágrimas a nascer. A confirmação estava ali, a lenda era verdadeira. Que consequências viriam dali? O que significaria tudo isto? Mudaria a vida dos três? Rúben puxou a manga do casaco do braço esquerdo. Sentia

um fogo a consumi-lo. Parecia que múltiplas formigas corriam pela sua pele e, ao destapar o braço, os três viram com precisão as linhas a formarem-se.

— Oh meu Deus.

— Façam parar, porra, isto dói demais! — *gritou*.

Matias levou as mãos à cabeça, perdido no que os seus olhos presenciavam. Por sua vez, Thiana cercou o irmão com os braços, na esperança de que ele se sentisse seguro. O calor do corpo de Rúben trespassava a roupa e sentia-o exatamente como um dia de verão, com mais de quarenta graus. Uma onda percorreu-lhe a pele da espinha até à nuca e, com os olhos embaciados, olhou para Matias.

— Molha uma toalha, rápido. Precisamos de controlar a temperatura dele!

Matias moveu os pés o mais rápido que conseguiu, procurou nas gavetas da cozinha um pano que ensopou em água fria, e voltou para junto dos amigos. Thiana pegou no pano e encostou-o à testa do irmão que, entretanto, se deitara no chão, agarrado ao próprio corpo na tentativa de o manter quieto. O tempo parecia uma eternidade, os momentos passavam em câmara lenta. Os gritos de Rúben ecoavam na divisão, fazendo a irmã e Matias taparem os ouvidos com o som agonizante. Agarrado ao braço, Rúben esperneava no chão, a Lua lá fora continuava a mover-se.

Thiana recuou no chão frio, com as lágrimas a caírem. Matias abaixou-se e confortou-a nos seus braços, enquanto ela virava a cara e a escondia no peito dele. Os soluços continuavam quando Thiana notou o silêncio ao seu redor. Afastou-se de Matias e encarou o irmão ainda no chão frio, de joelhos a olhar para eles sem se mexer. Observou a mudança na cor dos olhos do irmão para um azul cristal, bem antes de voltarem à normalidade. Ela trocou um olhar cúmplice com Matias, e os dois apartaram Rúben quando se sentou.

— Porra, quanto tempo durou isto?

Matias consultou o telemóvel.

— Quase duas horas.

Rúben levou as mãos à cabeça de olhos esbugalhados. O seu coração falhou duas batidas ao absorver a possibilidade de ser muito pior caso ativasse a maldição.

— Ainda te dói?

— Não! Parece que não se passou nada.

Rúben colocou a palma da mão sob a visão de todos, a marca desenhada na perfeição no antebraço. Duas linhas finas pretas, lado a lado, e uma meia-lua entre as duas. A dor do aparecimento da marca podia ter sido agonizante, mas mentiria se não apreciasse a beleza da mesma. Ninguém acreditaria que fora desenhada sem ninguém lhe tocar.

— E agora, puto?

Os irmãos olharam para o amigo.

— Agora vamos ver o que vai sair daqui. Tenho de falar com a Dona Joana. Eu não posso ativar esta maldita maldição, eu não quero esta merda na minha vida. Eu vou encontrar uma forma de tirar isto, independentemente do que a Dona Joana me possa dizer.



